

## **AS DISPUTAS DE PODER SIMBÓLICO NO CAMPO RELIGIOSO CACHOEIRANO 1980-2000**

Lizandra Santana da Silva<sup>1</sup>

### **Introdução**

Pretende-se, no presente trabalho, analisar as representações que foram construídas acerca da religiosidade de matriz africana por ex-adeptos do Candomblé, que ao se converterem às denominações protestantes, em Cachoeira-Ba entre 1980 e 2000 assumiram novos discursos e novas práticas religiosas. Também discutimos os discursos dos candomblecistas no que se refere à perseguição religiosa. Para tanto, as principais fontes da pesquisa foram as orais devido à peculiaridade do objeto e das questões que este trabalho pretende responder.

O campo religioso cachoeirano e também o baiano é caracterizado como afro-católico desde o período colonial, sendo parte inerente da identidade dos cachoeiranos. Mas nas últimas décadas do século XX tem-se notado um avanço expressivo das denominações protestantes, provocando acomodações e transformações.

A cidade de Cachoeira foi uma das principais vilas do Recôncavo Baiano, durante o período colonial. Situada à margem esquerda do rio Paraguaçu, o rio mais importante do Recôncavo que era uma via de comunicação entre a Província e o Recôncavo, escoando os principais produtos comerciais: a cana-de-açúcar, principal produto exportado pela colônia e o fumo que servia como moeda de troca no lucrativo comércio de escravos.

Nesse contexto a população predominante na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira era a escrava, conseqüentemente influenciou todos os aspectos daquela sociedade, especialmente os religiosos. Dessa forma, os povos africanos legaram à cidade de Cachoeira uma diversidade significativa de modelos rituais, os quais podemos perceber na distribuição dos Terreiros de Candomblé que marcam a cenário religioso cachoeirano.

Além dos significativos Terreiros de Candomblé, também em Cachoeira existe a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte que cultuava e cultua Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Boa Morte, provavelmente fundada em Salvador, a qual migrou para o Recôncavo Baiano devido as perseguições das autoridades e da Igreja Católica no século XIX, pois praticavam a religião de matriz africana, o Candomblé, e ao mesmo tempo o culto à morte e assunção da Virgem Maria. De caráter afro-católico, formada por mulheres negras e iniciadas no Candomblé é uma expressão exemplar da forte

presença de negros e terreiros de Candomblé na cidade de Cachoeira. Configurando-se como um espaço de lutas, resistência cultural e recriação de identidade.

Foi neste campo religioso predominantemente afro-católico, que a presença protestante provocou um aumento da migração religiosa que vem ocorrendo entre a Irmandade da Boa Morte, o Candomblé e o Protestantismo, principalmente pentecostal e neopentecostal. E o grupo religioso que mais se destaca é a IURD, pois se diferencia de grupos religiosos mais tradicionais tendo como principal peculiaridade se apropriar e ressignificar os elementos das religiões afro-brasileiras. É essa característica que possibilita o acirramento do conflito religioso e a aproxima consideravelmente da religiosidade mínima dos cachoeiranos.

Analisamos nesta comunicação a existência de novas formas de perseguir às religiões de matrizes africanas. A perseguição não se configura apenas em invasões de terreiros ou proibição do uso de atabaques, mas na associação dos orixás com o demônio, portanto a disputa por fiéis ocorre no campo do simbólico. Os próprios elementos do mundo afro-católico são utilizados para desqualificar as religiosidades de matizes africanos.

### **A demonização: discursos e contra-discursos**

Podemos afirmar que os diversos povos africanos que foram levados para o Recôncavo Baiano tinham também práticas religiosas múltiplas, que devido ao contato com outros grupos religiosos foram recriadas e reelaboradas tendo assim características peculiares, ou seja, os Candomblés de Cachoeira estão longe de serem homogêneos.

Segundo Nicolau Parés:

Na segunda metade do século XIX, a economia das plantações de açúcar no Recôncavo entrou em declínio, deixando uma grande massa de população rural negra desempregada. Mas no período de 1870-1880, investidores alemães instalaram em Cachoeira e São Félix várias fábricas mecanizadas de cigarro e charuto, que geraram uma importante imigração de libertos pobres procurando trabalho nesses novos centros industriais. Essa concentração urbana de população negra, a consolidação de uma elite negra de artesãos bem sucedidos e proprietários de terras e ascensão social que a atividade religiosa podia oferecer à população negra desempregada na época pós-abolição, explicam, em parte, o progressivo estabelecimento de congregações religiosas relativamente estáveis. (PARÉS, 2007, p.196)

Nascimento também identifica a presença de organizações religiosas estruturadas com corpo sacerdotal hierarquizado e com espaço próprio para a realização dos seus cultos, neste mesmo período.

Os Candomblés de Cachoeira têm em comum o fato das famílias biológicas serem intrinsecamente ligadas às famílias de santo, os laços de parentesco estão para além da consanguineidade. A casa de morada é também o local onde cultuam suas divindades, abrigam os salões e toda estrutura necessária para a realização de cerimônias e festas religiosas. Segundo Wilson Caetano, os Candomblés de Cachoeira guardam características próprias no que se refere aos seus rituais. Conforme o autor:

Para as casas que se definem nagô, o modelo Ketu, antes de lhes representar, é algo que lhe distingue em vários aspectos rituais, manifestados através do trato dado a alguns orixás, da administração de certas folhas, de algumas cantigas, comidas e da observação de tabus rituais.(SOUZA JUNIOR , 2005,p.25)

Para as casas que se definem nagô, o modelo Ketu, antes de lhes representar, é algo que lhe distingue em vários aspectos rituais, manifestados através do trato dado a alguns orixás, da administração de certas folhas, de algumas cantigas, comidas e da observação de tabus rituais.(SOUZA JUNIOR,2005, p.25) Com o objetivo de historicizar a formação de um Candomblé de nação jeje, o Seja Hundé, também conhecido como Roça do Ventura, Parés identifica a heterogeneidade dos Candomblés cachoeiranos:

Além de falar de diversas “subnações” nagô como nagô-agavi, nagô-tedô, nagô-cogún, ou nagô-jexa, cabe notar que o rito nagô do Recôncavo, que se caracteriza por ter cantigas próprias e usar uns atabaques pequenos tocados à mão, era distinto da tradição nagô-Ketu conhecida em Salvador. O rito nagô de Cachoeira, além da sua especificidade de origem iorubá, esteve influenciado pela tradição jeje, sendo comum em algumas dessas casas o culto do vodum jeje Bessen, mas seria mais correto falar de uma mútua interpenetração de elementos rituais, que no final do XIX deu lugar à tradição que o povo-de-santo chama nagô-vodum ou nagô-vodúnsi. O rito nagô ketu predominantemente em Salvador só se popularizou na região de Cachoeira tardiamente, na década de 1930, com a fundação, no Portão, perto de Muritiba, do Ilé Ibece Alaketu, de Manoel Cirqueira de Amorim, popularmente conhecido como Nesinho do Portão, muito ligado à mãe Minininha do Gatois.(PARÉS, 2007, p.197/198)

No final da década de 1980, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e a Igreja Católica passaram por um conflito que chegou aos tribunais de justiça, evidenciado assim as disputas pelo campo religioso cachoeirano. Segundo Wiltércia Silva de Souza, o pároco local em 1989, Hélio Vilas Boas, após a realização das festas da Irmandade que são

celebradas sempre no mês de Agosto, o padre se recusou a devolver para a Irmandade as imagens das santas. Este se configura como estopim do conflito, mas questões financeiras, políticas e culturais foram se desenhando ao longo das tensões, como o vínculo da Irmandade com o Candomblé ou o impasse referente a quem seria responsável pelas doações recebidas pela Irmandade.

O padre também foi acusado pelas irmãs de ter se apropriado de jóias pertencentes a Irmandade, bem como a questão da autonomia da Irmandade ganhou destaque. Apesar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte ser vinculada a Igreja Católica oficialmente não tinha estatuto e em meio a esses episódios, pretendeu ser e conseguiu uma instituição independente da Igreja Católica, além de ter conseguido as imagens novamente.

Esse conflito mobilizou diferentes setores da sociedade, além das duas instituições envolvidas, os órgãos associados ao setor turístico, a prefeitura da cidade, o movimento negro, bem como algumas figuras importantes da sociedade cachoeirana, como a advogada Celina Salla, o que possibilitou uma maior visibilidade para a Irmandade e sua conquista de autonomia frente aos interesses da Igreja Católica, representada pelo padre Hélio Vilas Boas.

Os protestantes históricos estão em Cachoeira desde o final do século XIX. Quanto aos pentecostais, chegaram à região na segunda metade do século XX. A partir da década de 1980 os neopentecostais adentraram a sociedade cachoeirana, precedidos pela Igreja Universal do Reino de Deus. Muitos praticantes do Candomblé têm se convertido e se reportam às suas antigas práticas religiosas de forma extremamente negativa.

No relato de conversão de J. F. temos a seguinte afirmativa: “... não se incomode por que pra o Candomblé eu não volto nunca mais, tomar banho na lama nunca mais...”<sup>2</sup> Observamos que quando ela se refere ao Candomblé ela usa uma metáfora “tomar banho na lama”, certamente associado às práticas religiosas de matriz africana a uma expressão usada pelo pastor Edir Macedo, ao se referir aos babalorixás e ialorixás como pais e mães de chiqueiro. Dessa forma o Candomblé é tido como o lugar da sujeira, da imundice. Essa frase desqualifica a religião a qual foi adepta durante 30 anos de sua vida.

Em outro momento da entrevista quando lhe perguntei sobre o que ela achava do Candomblé a mesma disse:

Na realidade eu abomino o Candomblé, por que as coisas que eu vejo né? As estratégias que sataná tem na vida deles, por que o diabo só tem o intuito só de uma coisa: é pegar essas almas e levar pro inferno. Então

hoje em dia que eu já conheço a palavra e sei realmente o que vem por trás daquelas danças, né? Muitas vezes eu levava minhas colegas lá eu digo olhe cê vem aqui mais isso aqui não presta, eu sempre dizia pra minhas colegas- oh isso aqui não presta, isso aqui não é bom,) não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que aquilo ali não prestava, por que eu não gostava daquele negócio de beber aquele sangue aí fui e sempre relutei contra isso eu dizia minha mãe por que não coloca, não deixar voar a galinha, o pombo pra que tem que matar esses animais e voltar e beber aquele sangue...<sup>3</sup>

Neste trecho da entrevista podemos evidenciar que na opinião da entrevistada o Candomblé é uma religião satânica, por isso é uma religião ruim na qual não há um Deus, mas sim a figura do diabo. Para a entrevistada é uma religião maligna e, portanto abominável.

Em outra entrevista, com o senhor J.F.P, quando perguntei se ele achava que o Candomblé era uma religião do demônio ele relatou:

Candomblé... é.... Eu vou (pausa longa) falar essa palavra por que, com convicção, é. E defendo a parte religiosa e aí é uma parte de uma briga espiritual não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que e eu debato isso seja com quem for se quiser falar isso pra mim que não é, dizendo que não é querendo demonstra outra imagem, não. É.... É verdadeiramente eu falo pra você, com convicção, é. É uma seita, é uma coisa maligna por que eu sou testemunha viva e ocular, não sei por que, que eu vivia aquilo ali mais eu tinha dentro de mim que, que Jesus tá me preservando vivo até hoje pra provar isso, eu posso dizer que é. Por que eu sei o que eu vivi lá dentro. E se as pessoas dizer assim: ah Candomblé não é, não é uma coisa diabólica, não é uma coisa, que os pessoal diz que é coisa do diabo, o Candomblé é.. é uma cultura, é isso, é aquilo, não, é mentira. Por que a Bíblia diz que o diabo só veio pra roubar, matar e destruir e ainda ele é o pai da mentira então ele mente, ele tenta assolar as mente das pessoas dizendo, aí você vai sempre debater com essa situação na sua frente, que o Candomblé não é uma coisa do demônio, mas é. Por que eu convivi lá, eu sei o que é, eu posso dizer com convicção, se eu for abri o leque das coisas que o diabo já mandou fazer, quantas e quantas pessoas eu já prejudiquei.<sup>4</sup>

Nota-se que o entrevistado se refere a uma briga espiritual, ou seja, um conflito entre o bem e o mal, no qual o Candomblé é classificado de seita e não de religião. Neste discurso o depoente faz uma ressalva quanto a sua convicção que o Candomblé é uma religião maligna ao afirmar que é uma testemunha ocular de que os candomblecistas cultuam demônios. Nesse sentido J.F.P sabe que o fato de ter sido um adepto do Candomblé lhe confere respaldo e legitimidade para falar do Candomblé, como ele mesmo diz: “com convicção”.

A entrevistada, C.M.G ao dizer sua opinião sobre o Candomblé afirma:

Ah, cada um no mundo faz o que quer não me fez mal, a mim o Candomblé não me fez mal, agora assim que agora hoje eu sei que o Candomblé é uma coisa que agente não pode, que a pessoa que quer seguir a Jesus não pode seguir o Candomblé, ou Deus ou o Diabo e o candomblé é uma, a maior parte é o diabo.<sup>5</sup>

Neste trecho apesar de afirmar que o Candomblé não lhe fez mal ao mesmo tempo diz que a maior parte do Candomblé é o diabo. Ou seja, no discurso se contradiz e assim como nos outros relatos ela desqualifica e demoniza o Candomblé.

Diferentemente dos discursos acima citados foi o discurso de N.D.C no qual ela afirma que o Candomblé tem dois lados o do bem e o do mal. Assim relatou:

...que eu sinto que eu vim destinada pra ser candomblecista, agora nessa coisa de Candomblé faz o bem faz o mal, eu escolhi o lado do bem, não quero prejudicar ninguém, nunca quis, se for pra ficar com valores sendo candomblecista pra prejudicar os outros eu fico assim mesmo humilde, porque uma vocação minha num é “a” nem “b” que disse siga isso, é uma escolha minha, seguir o lado do bem, se eu puder servir, ajudar, tudo bem, se não puder também não prejudico.<sup>6</sup>

Assim podemos perceber que segundo N. D.C há dois caminhos que podem ser seguidos dentro do Candomblé, o do bem e o do mal. Parece que essa é uma escolha pessoal. Dessa forma evidenciamos neste discurso uma opinião mais flexível, pois ela não desqualifica a religião, ela afirmar de certa forma que a responsabilidade é do sacerdote ou da sacerdotisa.

Na tentativa de compreender de que maneira os candomblecistas e o povo de santo em geral tem reagido em relação ao fenômeno da conversão que vem se tornando freqüente na cidade de Cachoeira-Ba, bem como quais são suas percepções em relação aos evangélicos em especial a Igreja Universal do Reino de Deus, também foram realizadas entrevistas no sentido de contemplar esse objetivo.

Numa entrevista com o senhor G.F.S, ogã<sup>7</sup> a 30 anos, quando perguntei se as conversões que tem acontecido em Cachoeira tem abalado de alguma forma o Candomblé ele afirmou:

Não, se as pessoas que é do Candomblé tiver amor. A Igreja Católica tentou acabar com o Candomblé não pôde por que o evangélico vai acabar agora? Quem é mais rica no mundo? A Igreja Católica. Perseguiu muito o Candomblé no tempo que, não foi no meu tempo não que eu sei no tempo que a polícia ia para as casa dos Candomblés acabar com o Candomblé era a Igreja que tava envolvida, hoje em dia a Igreja já se uniu com o Candomblé que hoje em dia acabou aquilo, o padre hoje celebra a missa do povo de santo, antigamente a povo de santo não podia entrar de saia na Igreja, hoje o padre já vai celebrar a missa na Boa Morte então já é uma vitória, eles tentou acabar com Candomblé, tentou muito,

tem muitas histórias aí , tem pessoas que ta viva que viu, presenciou então a igreja protestante não vai, não abala em nada.<sup>8</sup>

É importante destacar neste discurso que o fiel tem convicção que as denominações protestantes não têm poder de abalar os Candomblés, bem como a analogia que o mesmo faz em relação ao poder secular da Igreja Católica e o poder dos evangélicos. Também podemos evidenciar neste discurso a lembrança dos tempos em que ocorriam as batidas policiais no Candomblé, bem como a exigência das autoridades das licenças para bater. Durante a entrevista o depoente afirmou:

Por isso que as casas de Candomblé antiga tudo era dentro do mato. Como tem a Capapina, o Ventura, Alobalekun, a casa do finado Zé do Vapor, finado Candola. A maior parte das casas tudo era dentro do mato por quê? Por causa da perseguição. Hoje em dia tem Candomblé dentro da cidade, como tem aqui a casa da minha mãe, o Monte, casa antiga também de dona Lira, lá no Rosarinho tem três casa, mãe Madalena, Kel, na casa de Preta, dona Filhinha ali, é dentro da cidade, mas antigamente as casas de Cachoeira era tudo dentro do mato.<sup>9</sup>

A partir deste testemunho podemos afirmar que uma das estratégias utilizadas pelos candomblecistas para resistirem às perseguições policiais era abrirem seus terreiros em locais distantes do perímetro urbano das cidades, pois a dificuldade de acesso permitia que as festas religiosos e os batuques, que incomodavam a sociedade Cachoeira, fossem realizados com mais tranquilidade. Nesse sentido Júlio Braga afirma:

Mais isolados, podiam os terreiros realizar seus cultos com um pouco mais de segurança. Aliás, mesmo nos dias atuais, quando um sacerdote intenciona instalar um novo terreiro, recorre ao expediente de procurar lugares mais afastados do centro da cidade, onde espera ter mais tranquilidade e sossego e, portanto, encontrar as condições mais favoráveis para a realização de diferentes rituais... Esse deslocamento para áreas periféricas da cidade, que poderia ser considerado um recuo diante das permanentes incursões e batidas policiais aos Candomblés resultou, na verdade, numa forma de vitória, se considerarmos os resultados positivos obtidos a médio e longo prazo. Esse distanciamento permitiu que diferentes grupos pudessem se instalar em terrenos e espaços mais apropriados para o culto às divindades afro-brasileiras, estruturando melhor e definitivamente os seus terreiros. (BRAGA, 1995, p.31)

Dessa forma, o afastamento dos terreiros de Candomblé dos centros urbanos foi uma forma de resistir às perseguições policiais, bem como de manter viva a tradição religiosa de matriz africana, podendo dessa forma, cultuar seus orixás sem a vigilância constante do poder policial.

Nesta perspectiva, sobre a localização dos terreiros de Cachoeira nas primeiras décadas do século XX Santos afirma:

... os candomblés de Cachoeira eram realizados em espaços suburbanos, ou ainda largamente rurais, que foram ocupados pelos últimos africanos da cidade e seus descendentes. Eram terras cortadas por riachos, cercadas por árvores e montanhas íngremes, que dificultavam o acesso e ofereciam proteção contra possíveis ações da polícia. Por outro lado, eram certamente apropriados para o culto afro-baiano, porquanto envolvidos por elementos necessários á religião dos voduns e orixás e propícias ao crescimento de plantas sagradas usadas nos rituais. (SANTOS, 2009, p.160)

Ainda no que se refere à perseguição dos terreiros de Candomblé quando perguntei ao entrevistado se o afastamento dos terreiros era uma estratégia de sobrevivência ele relatou: “ Era e dentro do mato não era todo mundo que ia, que tem história que as policia ia e se perdia, não achava a casa, que o povo antigamente sabia trabalhar muito. Tinha o dom que o dom quem dá é Deus e os orixás.”

Pode-se evidenciar a partir desse discurso que o povo de santo utilizou-se da sua própria sabedoria religiosa para se livrar das batidas policiais. Santos quando se refere à resistência dos adeptos do Candomblé ao fazerem uso dos bozós e da repercussão na imprensa local afirma:

Nesse sentido, Santos afirma que a resistência dos Candomblés de Cachoeira em relação às perseguições policiais eram combatidas também pelos adeptos da religiosidade africana de forma silenciosa, ou seja, através dos trabalhos realizados pelos candomblecistas, como o senhor G.F.S relatou “.. que o povo antigamente sabia trabalhar muito”<sup>10</sup>, ou seja, os ebós realizados pelos fiéis fazia até policial se perder.

Na mesma entrevista com o senhor G.F.S, o entrevistado fez outra constatação relevante:

O Candomblé foi perseguido por que é religião de matriz africana, de negro. Candomblé veio da África, quem trouxe o Candomblé foram os escravos então, por isso mais que sempre foi perseguido. O negro não, antigamente não tinha vez, por isso que o Candomblé tem aquela coligação com a Igreja (Católica), reza Santo Antonio que antigamente os escravo não podia bater candomblé, aí reza os santos e o senhores deixavam, é por isso que tem, que o povo do Candomblé reza Santo Antônio, Santa Bárbara foi por isso sincretismo com o candomblé, por isso mais.<sup>11</sup>

Podemos evidenciar neste discurso como o entrevistado associa a perseguição aos Candomblés concomitantemente ao preconceito em relação ao continente africano, bem como ao preconceito racial. Sua capacidade de avaliar os desdobramentos da perseguição religiosa demonstra a sagacidade da percepção do fiel, ou seja, o entrevistado compreende que a perseguição religiosa esta intrinsecamente relacionada às questões raciais ao afirmar que o Candomblé foi perseguido por que era uma religião de negros. Dessa forma, ele percebe que a perseguição está para além da questão puramente religiosa, tornando-se um preconceito racial.

No que concerne a demonização do Candomblé por parte dos evangélicos o senhor G.F.S afirmou:

A gente não cultua diabo, vamos supor a pessoa chega aqui com coisa ruim assim, a pessoa tira, mas Exu é um orixá, é um mensageiro, é tão importante que ele come primeiro que os santos, ele é importante então agente não cultua diabo, tem nomes que eles fala na igreja assim que de vez em quando eu passo ouço assim na Universal, que no Candomblé agente não fala, agente nem sabe o que é, eles pinta. E as igreja tudo, como a Universal mesmo Edir Macedo é o que? Por detrás daquilo tudo tem um pouco de Candomblé, tem banho do descarrego né?<sup>12</sup>

É importante destacar no discurso do depoente como ele avalia as práticas de ressignificação realizadas pelos iurdianos, como o próprio destaca o uso do banho do descarrego e afirma que nisso há um pouco de Candomblé. Ao longo da entrevista retomamos a questão das práticas religiosas dos membros da Igreja Universal, perguntado se as práticas tinham semelhança com o Candomblé e o entrevistado afirmou:

Tem sim, tem. Pra que banho do descarrego? Dia de terça-feira eles estão lá tudo de branco, não é um Candomblé meio disfarçado? Como tem uma igreja aí que bate um coro danado parecendo que é Candomblé, o povo sai rodando, se joga, então isso é um modo que eles estão inventado para atrair as pessoas né? É um candomblé meio disfarçado. Edir Macedo mesmo tem um livro: caboclos, orixás e guias, o diabo, por que ele escreveu esse livro a fim de expor o que ele é. Deve ter um envolvimento com Candomblé aquilo, em igreja não se da banho de descarrego, banho de arruda só aí ta vendo que tem alguma coisa né? Isso daí não pode ser assim.

Neste trecho da entrevista o senhor G.F.S chega a afirmar que a Igreja Universal do Reino de Deus é um Candomblé disfarçado, além de caracterizar que essas práticas são formas de atrair fiéis. Nesse sentido podemos afirmar que o entrevistado considera que há uma disputa no campo religioso cachoeirano pelos bens de salvação através do diálogo

entre a religiosidade de matriz africana e os novos grupos existentes no protestantismo, como é o caso da IURD conhecida como neopentecostal.

No que se refere à atração de fiéis por parte dos grupos evangélicos que tem como princípio o proselitismo concordo com Mariano, mas quanto à ação dos grupos religiosos de matriz africana acredito que suas ações não se encontram nos aspectos proselitistas, pois esses grupos não possuem essa característica, mas já são evidenciadas no campo judicial, como por exemplo, o caso da morte de Mãe Gilda, uma ialorixá que teve sua imagem utilizada pela Igreja Universal do Reino de Deus para desqualificar os candomblecistas e com isso faleceu.

Em outra entrevista, realizada com uma ialorixá, a senhora J.P, herdeira do terreiro da falecida senhora Galdina conhecida como D. Baratinha, quando perguntei sobre as atitudes dos evangélicos em relação ao Candomblé ela relatou:

Eu sinceramente acho uma afronta, por que agente da religião africana, não vamos na igreja incomodar e os evangélicos não agravando a todos, principalmente, a Universal do Reino de Deus, eles costuma ter o hábito de vim até nossas porta jogar sal, são coisas que a mim não afeta que sal agente come na comida, ta entendendo? Mas isso é uma afronta desde quando agente tem os nossos toques, tem as nossas festas, tem as nossas obrigações e não incomoda a eles.<sup>1314</sup>

Neste relato evidenciamos que os evangélicos são os que declaram a “guerra” contra os Candomblecistas. Estes não têm características proselitistas talvez por isso sejam mais receptivos com os evangélicos. A atitude de intolerância dos iurdianos e de “afronta” como a própria entrevistada caracteriza, é demonstrada através da simbologia do sal, conhecido popularmente como purificador. Nesse sentido, a atitude dos iurdianos reafirma que eles consideram os Candomblecistas sujos e que por isso precisam ser purificados.

Ao longo da entrevista perguntei a entrevistada o que ela achava sobre as práticas da Igreja Universal do Reino de Deus, como por exemplo, o banho do descarrego e ela afirmou:

Olhe eu sinceramente, particularmente, eu acho seguinte: se é que na Universal, na religião cristã deles, se eles aprenderam assim eles tem que fazer assim eu não nasci pra criticar ninguém. Se é isso que eles usam lá por que eu nunca participei, se resume até que no Candomblé agente faz a mesma coisa, porém diferente por que a Universal eles chamam muito pelo diabo, pelo sataná, por Lúcifer, na religião do Candomblé agente não usa isso, então talvez eu acho que eles seja mais macumbeiro do que agente, somente isso.

Mais uma vez, outro depoente compara às práticas da IURD às práticas realizadas no Candomblé, mas destaca uma diferença a questão da invocação constante do diabo em seus cultos. Destaca essa diferença como uma característica peculiar desta igreja e não do Candomblé.

Em relação ao processo de ressignificação das práticas religiosas do panteão de matriz africana Silva enfatiza que:

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, parece ser consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso vieram a ocupar na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro. (SILVA, 2007, p. 193)

No que se refere, aos impactos das atitudes dos evangélicos nos Terreiros de Candomblé, a entrevistada afirmou:

que venha cem mil igreja, a minha casa jamais vai ser abalada, pois a fé é quem cura e agente temos muita fé em nossos ancestrais, no vento, na água, na chuva e no tempo. Quanto a minha pessoa e ao terreiro Ilé Kaió Ala Kexu Ala Ketu Axé Oxun agente não temos nada contra. Cada um no seu cada um, cada qual no seu cada qual.

Podemos afirmar, conforme a entrevistada, que o crescimento das conversões em Cachoeira e das denominações protestantes não tem causando grandes impactos a religião de matriz africana, ainda podemos afirmar a partir da análise desse trecho que a espaço no campo religioso cachoeirano para todos os tipos de credos e crenças. Ainda no que concernem as consequências das práticas de demonização da religiosidade africana a entrevistada afirmou:

Quanto isso eu particularmente, eu acho assim quem tem sua boca fala o que quer, a mim não me ofende eles lá e eu cá o mesmo Deus que é deles é o meu por que Deus é universal, é um só independente de religião então a mim não me afeta em nada, sinceramente.

Quando perguntamos sobre os impactos do crescimento das igrejas protestantes em Cachoeira como um todo, a entrevistada afirmou:

Olhe eu acho que sinceramente que não, por que se tivesse de abalar as pessoas não procuraria Cachoeira pra nada. Quantos terreiros têm em Cachoeira? Agente continua cada um na sua data tocando, fazendo as nossas festas. Através de que? Através de cliente, que vem procurar se

curar vem procurar fazer um ebó pra abrir caminho e outras coisas e agente junta aquele dinheirinho para fazer nossas festas se tivesse realmente afetando e abalando agente não teria cliente trabalhando, agente não trabalharia. Estaríamos todos parados e eles comandando tudo. Então eu não dou esse ponto, não vou chegar a jamais a falar que eles estão me abalando, por que não tão, somente isso.

É importante destacar a convicção da ialorixá de que os Terreiros de Candomblé de Cachoeira não estão sendo afetados, pois o sacerdócio desses grupos de religião de matrizes africanas são também uma profissão, portanto esses terreiros continuam sobrevivendo do seu sacerdócio através da clientela que foi conquistada ao longo desses anos. No entanto, faz-se necessário relativizar a afirmação da ialorixá, pois mesmo não ocorrendo o fechamento dos terreiros, os mesmos são abalados devido ao número crescente de conversões e conseqüentemente do discurso que os ex-adeptos passam a assumir, reforçando dessa forma os estigmas atribuídos ao Candomblé.

### **Considerações finais**

Percebemos que os protestantes, especialmente os pentecostais e neopentecostais encontraram novas maneiras de perseguir as religiões de matrizes africanas, tendo como personagem central, a figura do Diabo. A perseguição é exercida através do plano espiritual, ou seja, é uma disputa entre as forças do bem e as do mal, uma Guerra Santa.

Os Terreiros de Candomblés diante do avanço das denominações protestantes não perderam totalmente espaço no campo religioso cachoeirano. No entanto, a expansão dos grupos evangélicos cada vez mais visíveis na geografia da cidade tem transformado o campo religioso cachoeirano, assim é possível afirmar que os conflitos, ocorridos em sua maioria no plano do simbólico trouxeram mudanças significativas.

No que concerne aos candomblecistas as fontes induzem a afirmar que as conversões ainda não tem fragilizado os terreiros de Candomblé ao ponto de serem fechados ou de perderem seus clientes. Ainda permeia no imaginário dos cachoeiranos e de pessoas de outras localidades a fama de “macumbeira” da histórica Cachoeira.

### **Referências Bibliográficas**

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BRAGA, Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 1995.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. “Terra de Macumbeiros”: Redes de Sociabilidades Africanas na formação do Candomblé JeJe-Nagô em Cachoeira e São Felix-Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2007.

PARÉS, Luis Nicolau. A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia. São Paulo: Unicamp, 2007.

SANTOS, Edmar Ferreira. O Poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador, Edufba, 2009.

SILVA, Elizete da. O campo Religioso Feirense: Algumas Considerações.UEFS. Feira de Santana, 2007.

SILVA, Elizete da. Religião, Identidade Brasileira e Globalização.(Artigo), BRASA. Washington DC Salvador, 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: USP, 2007.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Nagô: A nação de ancestrais itinerantes. Salvador, FIB, 2005.

---

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

<sup>2</sup> Entrevista realizada no dia 26 de Janeiro de 2009 em Cachoeira, na residência da entrevistada.

<sup>3</sup>Entrevista realizada no dia 26 de Janeiro de 2009 em Cachoeira, na residência da entrevistada.

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 15 de Fevereiro de 2009 em Cachoeira, na residência do entrevistado.

<sup>5</sup> Entrevista realizada no dia 08/02/09 em Cachoeira, na residência da entrevistada.

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 21/08/2008 em Cachoeira, no terreiro de Candomblé da entrevistada.

<sup>7</sup> Segundo Parés, os ogãs, função exercida exclusivamente pelo sexo masculino, tem o papel de ser a segunda pessoa depois do líder religioso, ialorixá ou babalorixá. Eles não dançam nem “recebem” o orixá na cabeça, mas fazem o ritual de iniciação. Geralmente são responsáveis pelo toque dos atabaques e pelo sacrifício dos animais.

<sup>8</sup> Entrevista realizada na casa de Candomblé do entrevistado no dia 19/04/2010em Cachoeira-Ba.

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> Entrevista realizada na casa de Candomblé do entrevistado no dia 19/04/2010em Cachoeira-Ba.

<sup>11</sup> Entrevista realizada na casa de Candomblé do entrevistado no dia 19/04/2010em Cachoeira-Ba.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Entrevista realizada no terreiro de Candomblé da entrevistada em 24 de Abril de 2010 em Cachoeira-Ba.